

Favela com posto policial e telefone

Ceci Nunes Ribeiro, 57 anos de idade e 18 de Acampamento da Telebrasília, ao contrário do que fez toda a vizinhança, não comprou telhas nem tijolos. “O povo do governo me disse que, quando fizerem as ruas, meu barraco vai ficar aí mesmo. Então, deixa na tábua mesmo. Mudar para quê?”, pergunta.

A casa de madeira de Ceci está nos terrenos reservados para lotes residenciais no projeto do Idhab. Antes de começar o processo de regularização da área, não era permitido construir com telhas e tijolos. Até bem pouco tempo, o estrago feito pelos cupins era remendado com pedaços de madeirite.

O barraco de Ceci chegou à maioridade no último dia 15, quando faz 18 anos que ele se mudou de Mimoso (MA) para o tal Acampamento onde o marido, Pio Rezende Filho, morava há oito anos.

Em 1993, Ceci e Pio se separariam novamente. Ele aceitou um dos 700 lotes doados pela antiga Shis (Sociedade de Habitação de Interesse Social, atual Idhab) para convencer a população do Acampamento a deixar a área. Ela resistiu. “No Riacho Fundo o povo vive de porta trancada, se queixando que lá é cheio de ladrão. Aqui não tem isso. Todo mundo se conhece, todos são pessoas honestas”, compara a dona de casa que sobrevive vendendo almoço a R\$ 2,50 a marmita.

O cabo Sílvio Pereira e o soldado

Márcio Alexandre da Fonseca Araújo, do 1º Batalhão da PM, confirmam. “O posto policial funciona 24 horas porque a comunidade reivindicou. Mas o que a gente atende aqui é briga de vizinho, marido e mulher. Crime mesmo, não”, conta Pereira.

Na porta do posto policial, o telefone comunitário e uma casa de cachorro feita com latas de óleo Mazzola. Tanto zelo para guardar a viralata cheia de arranhões. “Ela fugiu e brigou aí na rua”, explica o soldado Márcio.

Ao contrário da maioria das comunidades de baixa renda de outros lugares — como os assentamentos promovidos — no Acampamento há apenas duas igrejas, uma católica e outra da Assembléia de Deus. As duas têm culto e missa nas manhãs de sábado e domingo.

NOVA GERAÇÃO

Posto policial e telefone são conquistas da Associação de Moradores. Atualmente a diretoria acompanha os trabalhos do Idhab e a negociação para convencer o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) de que a ocupação não afetará o projeto urbanístico de Brasília. Mas, apesar disto, a nova geração do Acampamento pouca ou nenhuma simpatia guarda pelos líderes.

“Tem uma dona Neide dessa diretoria que só faz chamar a polícia pa-

ra mandar a gente abaixar o som”, reclama o DJ Leque, nome artístico de Libertino Marcos Ferreira, 21 anos, filho de pioneiros. “Quando eles precisam da gente para armar palco nas festas da associação, sabem nos chamar”, reclama.

A rapaziada armou um refúgio ao lado da Igreja Assembléia de Deus: uma mini-praça de esportes construída embaixo de uma gameleira. O haltere com as extremidades improvisadas é de cimento puro, moldado em uma lata de tinta. A prancha para flexões abdominais veio de um resto de porta — os pés dos atletas ficam presos em um pedaço de mangueira.

No final de semana, a garotada corre para a *prainha* — as águas do Riacho Fundo a caminho do Lago Paranoá. Segundo dizem, o lago tem traíras, cará, tilápia, sauba e ali se capturou um bagre africano de 1,5 metro. Ou se divertem na *bica*, fio d’água transparente que parece descer do quartel do Corpo de Bombeiros.

Otílio Alves Júnior, 23 anos, passou a infância pescando no lago ou dando susto em passarinho. Seu pai trabalha na Telebrasília desde o tempo em que a empresa se chamava Cotelba. “Com a fixação vai acabar o preconceito do moradores da Asa Sul e do Lago Sul”, acredita. “Sempre que a gente está jogando bola e eles passam, gritam assim: ‘Corre, favelado!’”.